

O DISTRICTO.

Preço

SEM ESTAMPILHA.

Por 12 mezes..... 2\$500
 » 6 » 1\$800

Publica-se nos domingos, e quartas feiras não sanctificadas.

Subscreeve-se e vende-se no escriptorio da redacção e administração rua do Coelho n.º 11. As assignaturas são pagas adiantadas. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao escriptorio. Correspondencias e publicações de interesse particular são pagas. Anuncios por linha 20 rs., repetidos 10 reis—folha avulso 40 reis.

Editor — Luiz Pinto da Cunha e Souza.

Preço

COM ESTAMPILHA.

Por 12 mezes..... 3\$000
 » 6 » 1\$500

BRAGA.

Começou já na camara electiva a discussão do orçamento, e já tiveram a palavra dois deputados da opposição os snrs. Garcez e Lobo d'Avila (Thomaz).

Esperava toda a gente á vista das lamentações que tinha inspirado ao illustre ex-ministro o estado da fazenda publica, e da insistencia com que pedia ao governo economias importantes, que o illustre financeiro apresentasse francamente as suas idéas sobre a questão financeira, e sobretudo indicasse na despesa publica as verbas desnecessarias e inuteis, que conviesse cortar para realisação do principio das economias, tão entusiasticamente defendido por s. exc.^a depois que deixou o poder.

Competentissimo era o snr. Lobo d'Avila, já pela sua intelligencia, que é grande, já por ter occupado o cargo de ministro da fazenda, para indicar ao governo os pontos onde devessem fazer-se economias, tirando d'ahi argumentos para aggridir o governo, que não tinha sabido ou não tinha querido fazel-as.

A franqueza e lealdade, com que o snr. ministro da fazenda actual tinha expellido as suas idéas sobre a questão financeira por diferentes vezes, deseja corresponder igual desassombro da parte de seu contendor, e sobretudo a explicação franca e cathorica do seu systema, que era de suppôr fosse diametralmente opposto ao do snr. Fontes, com cujas idéas o sr. Lobo d'Avila tinha declarado não concordar.

O snr. Fontes tinha declarado com a sua franqueza habitual, e com a coragem, que distingue as grandes convicções e os homens que amam e respeitam o seu paiz, que as economias não podiam resolver o problema da nossa situação

financeira, e que eram apenas principio de bom governo, mas não constituíam um expediente financeiro.

A elevação da receita por meio do imposto, e a diminuição nas verbas de despesa, compativel com o bom serviço publico, o fomento ás industrias que augmentasse a riqueza do paiz, e por tanto a materia collectavel, a reforma da administração, que descentralisando, dêsse ás localidades mais attribuições, e maiores encargos, que alliviassem o thesoiro, taes eram os meios geraes, que o snr. ministro da fazenda indicara como os unicos proprios a diminuir o nosso deficit e melhorar consideravelmente o estado da fazenda publica.

Apresentou o snr. Lobo d'Avila idéas contrarias a esta? Demonstrou s. exc.^a, que esta doutrina era prejudicial aos interesses do paiz? Sobretudo pôde o illustre ex ministro provar, que as decantadas economias, em nome das quaes se tinham feito tão graves accusações ao governo, tinham sido por elle esquecidas, ou podiam chegar até o ponto, de modificar sensivelmente o estado da fazenda publica?

Não foi ainda publicado o discurso de s. exc.^a, mas a avaliar pelo extracto das sessões e pela leitura dos jornaes, parece que temos ainda uma nova decepção, a juntar ás muitas que a opposição nos tem dado.

O snr. Lobo de Avila limitou-se a dizer, que se podiam fazer economias n'um ou n'outro ponto, sem indicar previamente as verbas, que se podiam cortar no orçamento, e parece que explicitamente se referiu só aos tribunaes superiores, conselho de estado e tribunal de contas, como podendo ser diminuida a despesa que com elles se fazia.

Agora quer o publico avaliar a importancia das economias proclamadas pelo snr. Lobo de Avila, e sobre tudo a for-

ça dos remedios, que indicava o illustre ex-ministro?

Sabem a quanto montam as verbas da despesa, que se faz, não com o tribunal de contas, e com o conselho de estado sómente, mas com o conselho ultramarino, e de instrucção publica, o de saude publica, o supremo conselho de justiça militar, o conselho de saude naval e do ultramar, o geral das alfandegas, o de obras publicas, o de administração, o de minas, o de beneficencia? Gastam-se annualmente 103 contos de réis approximadamente.

Pois bem! Sejamos por hypothese mais radicacs, do que o snr. Lobo de Avila, e não reformemos só o conselho de estado e tribunal de contas, mas todos os que ficam citados; não reformemos só, como queria sua exc.^a, acabemos com elles; o que resulta? uma economia de cento e tres contos, n'um orçamento que tem um deficit de seis mil!

Supponhamos agora, que depois d'esta absurda medida, faziamos cortes sem dó nem escolha em todos os outros ministerios, e que conseguimos fazer mais 900 contos de economias, alem das já feitas pelo governo resultaria d'aqui a extincção do deficit?

Ficariamos muito longe d'isso. Aqui têm a efficacia do meio proposto pelo sr. deputado, e avaliem a boa fé, com que debaixo d'esse ponto de vista tem guerreado o governo, aquelles que nunca fizeram economias de dezenas de contos, e que agora não se contentam com reduções de mais de mil contos na despesa publica.

Queremos nós com isto dizer, que se não devem fazer economias? Nunca nos passou isso pela mente; queremos só demonstrar, que as economias podem e devem fazer-se, e o governo acaba de fazel-as em grande escala, mas que ellas não dispensam o emprego de outros

meios, para se organizar a fazenda, e sobretudo o da elevação da receita por via do imposto.

Quando o mui illustrado financeiro da opposição não acha n'ellas com todos os seus dotes e habilidade nos negocios argumento valioso contra o governo, está a questão julgada.

Podem os agitadores e os especuladores politicos declamar á sua vontade, que os discursos de seu chefe, que foi homem de governo, bastam para mostrar até á evidencia a sua ignorancia, e a má fé, com que pregam ao publico.

Os melhoramentos e vantagens, que ha de trazer a esta provincia do Minho a sollicitude e iniciativa do governo, são d'um tal alcance, que podemos affoitamente assegurar, que em muito poucos annos crescerá e se multiplicará notavelmente a sua riqueza e prosperidade.

A abertura da estrada de Braga a Chaves, pondo esta provincia em communicação com a de Traz-os-Montes, ha de marcar uma nova era de prosperidade commercial, augmentando prodigiosamente o giro commercial, que tanto tem a lucrar com a via de communicação, que se lhe offerece para a provincia do Minho, e com a facilidade nos transportes, que se deriva da commodidade da viação.

A linha ferrea do Minho e Douro, linha que hade ser necessariamente internacional, junta ás vantagens bem conhecidas da viação ordinaria, a rapidez nas trocas, a barateza dos transportes, e pela sua natureza de internacional o abrir os mercados da vizinha Hespanha aos nossos productos, todas as utilidades emfim d'estes poderosos elementos de progresso.

Junte-se a tudo isto a annexação do districto de Vianna a este, ficando Braga a capital do districto, e digam-nos, se

FOLHETIM

CEU DE TREVAS

ROMANCE ORIGINAL

DE

Antonio Rodrigues Sousa e Silva.

As filhas do capitão-mór

Fizera Deus as duas irmãs distinctas nas feições do rosto, como as fadara diferentes de genio e indole. D. Clara, a mais nova, tinha dezessete annos, travessos, inquietos, como elles. D. Leonor, dezoito, e dirieis que tinha mais. Raro lhe transluzia no rosto o humor folgazão que de continuo animava sua irmã. D. Clara era baixa, robusta, expedita nos movimentos, olhos azues, como um ceu de primavera, vividos como o reverberar d'um raio de sol, tempestuosos, talvez, como um vendaval.

Sua irmã era um contraste. Alta, franzina, olhos pretos, cheios de morbidez e doçura, circumspecta nos ademanos, graciosa na sua suidez, tendo de melancolica o que a outra tinha de jovial.

Alvaro tinha-a visto apenas uma vez, no dia antecedente quando passara em frente do jardim, e todavia tel-a-hia distinguido, confundida entre mil.

O seu coração voou, pois, a covar-se de delicias desconhecidas na contemplação da

donzella, que lhe sorria presenteira, por vêr a irmã que estremecia, salva do perigo que correa.

—Como se chama o meu destemido salvador? perguntou a mais nova.

—Alvaro de Lima, minha senhora—repliquou o mancebo—que se julga feliz por ter sido útil a v. exc.^{as}

—Semhor Alvaro de Lima—atalhou do lado a irmã—nunca me esquecerá o serviço que v. s.^a prestou a minha irmã a qual sem elle seria a estas horas cadaver.

—O extremo amor que v. ex.^a consagra a esta senhora—tornou o mancebo com mais affoiteza—faz-lhe exagerar a grandeza do serviço que lhe prestei.

—Foi a minha redempção, senhor Alvaro—atalhou-o do lado D. Clara.

—Feliz eu se poder alguma vez provar os sinceros desejos que tenho de mostrar a minha gratidão pelas expressões que v. ex.^{as} se dignam dispensar-me.

—Nós é que lh'a devemos senhor Alvaro—acudiram á uma as duas irmãs. Depois a mais nova accrescentou:

—Moramos á estrada de Margaride. Para Lopo Moniz que não sabe ser ingrato, será sempre bem vindo o salvador de sua filha.

Dito isto, despediram-se do mancebo, e cavalgaram de novo os valentes corceis, com direcção á casa paterna.

Havia muito que as duas jovens tinham desaparecido no angulo do caminho, entee as nuvens de pó levantadas do chão pelo tropear dos cavallos, e Alvaro ainda estava no mesmo lugar, de braços cruzados e com os

olhos fitos no horizonte por traz do qual se elevava o palacetê de Lopo Moniz.

Veio tiral-o d'aquelle arrobamento, em que lhe andava alheado o espirito, um mensageiro que o pae, cuidadoso da demora do mancebo, mandara em sua procura.

—Voltou elle a casa e em todo o dia, não teve valor para riscar da memoria, do coração, dicemos talvez melhor, a imagem da filha mais velha do capitão-mór, que se insculpirá n'elle com os traços indoleveis da verdadeira paixão.

Pelo caminho as duas irmãs occupavam-se na sua conversação, do galante mancebo que tanto a monção enviara alli a Providencia para as livrar, a uma do perigo que a ameaçara, á outra da angustia que lhe estivera imminente.

—Não lhe ficava tão bem aquella roga de tristeza, que lhe cavou na testa talvez algum grande infortunio?—dizia a filha mais velha de Lopo Moniz a sua irmã D. Clara.

—Ora se a mana não ha-de sympathisar sempre com os typos melancolicos—acudiu jovialmente a outra.— Isso estava bem de vêr.

—Não é só por ser melancolico, é porque toda a physionomia d'aquelle mancebo tem uma expressão que attrahe.

—Apostemos que a mana não se lhe dava de que elle lhe fizesse a corte?—diss D. Clara com certo sorrisinho ironico que lhe era habitual.

—Ora a mana tem cousas!—disse D. Leonor, corando sem bem saber porque. Então por euaal...

—É para dizer aquillo como ella corou!—atalhou desapiedadamente a irmã, soltando uma risadinha que ainda fez corar mais a melancolica donzella.

—E' melhor não fallarmos mais n'isto— respondeu D. Leonor com gesto entre serio e risinho.— A mana está sempre prompta a deitar veneno nas tenções mais puras. Mal —Pois não fallamos—disse D. Clara.— Mas conte que na primeira occasião que se me offerecer, hei-de dizer ao mancebo que a sua rugasinha na testa inspirou muita sympathia a...

—Não faça tal, mana, porque me columnia—exclamou a mais velha das duas irmãs com gesto agastado.

Calaram-se ambas, e chegaram sem incidente a casa, onde contado o perigo que correa á mais nova, á mãe que as estremecia, á boa senhora atou as mãos na cabeça com gesto do terror, e protestou que nunca as deixaria ir sós para tão arriscado brinque-do.

—É o teu salvador, minha filha, como se chama?—perguntou ella.

—Alvaro de Lima, segundo nos disse— respondeu a filha mais nova.

—Quero vê-lo, quero agradecer-lhe eu mesma o relevante serviço que te fez a ti, e a mim que te amo tanto.

—Ao outro dia batia á porta de Alvaro de Lima um mensageiro com recado de D. Margarida Moniz de Sousa Azevedo, em que se participava ao mancebo que a filha desejava conhece-lo e agradecer-lhe o ter-lhe livrado a filha de tão desastrosa morte, como

podia haver um conjunto de meios, como estes, capazes de dar importancia e fomentar a riqueza d'esta terra e provincia.

Os poderes publicos fizeram n'esta parte o mais que podiam: agora cabe aos habitantes d'esta provincia corresponder dignamente ao zelo e sollicitude do governo, esforçando-se a seu turno por se mostrar dignos das finezas, que se lhe concedem.

E não ha decididamente outro meio de o conseguir, e que mais agrade ao governo, e o que mais é, que é um dever de patriotismo e de bom cidadão, que o trabalhar e aperfeiçoar-se physica e moralmente.

Não podem, por mais habeis e energeticos, que se imaginem os governos, prescindir d'este concurso dos cidadãos, que não são machinas, que elle dirige, mas auxiliares intelligentes e espontaneos das idéas e pensamentos, dos que só estão governando, para servir os interesses publicos, e seguir a opinião da maioria.

Trabalhando, cumprirá o povo do Minho o seu dever; evitando a occasião de ser perturbada a ordem publica, conseguirá mais do que isso, evitará tornar, se reu d'um crime de leso-patriotismo, o mais grave e de mais responsabilidade, sobre tudo nas nossas circumstancias.

A perturbação da ordem publica significa o estacionamento de todos os melhoramentos, o adiamento da abertura das estradas, e sobretudo a desmoralisação, que não consente reputar-se digno de favor, quem não mostrar comprehender o valor dos beneficios, que se lhe conferem.

Felizmente a provincia do Minho tem mostrado que não se deixa arrastar facilmente pelas suggestões dos agitadores, que só querem os seus interesses, embora sacrifiquem tudo á realisacão das suas ambições.

CORTES.

CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS.

Sessão em 7 de junho.

Presentes 62 snrs. deputados.

O snr. F. M. da Costa — alludindo ao discurso snr. Placido d'Abreu, que tinha procurado destruir n'uma das sessões passadas os argumentos, apresentados por elle orador, na discussão da reforma administrativa, na parte relativa á suppressão do districto de Viana, declarava que rectificava, o que então dis-

a que o desenfreamento do cavallo lhe preparava.

Foi o mancebo, e mal se pôde exprimir a effusão de ternura com que a bondosa senhora o recebeu.

—Devo-lhe a vida, senhor—disse ella—devo-lhe a vida. Se não fôra v. s.^a, aquella louquinha não seria hoje viva, e eu... nem quero pensar em tal cousa. Só de me lembrar d'ella, estremeço.

—Minha senhora — respondeu o mancebo — o prazer de salvar uma vida que lhe é tão preciosa, compensaria-me sobejamente, ainda quando para o conseguir tivesse arrastado perigos, que não arrastei, porque não fiz mais do que espantar o cavallo para o suspender na carreira.

—Assim mesmo, senhor, a minha gratidão será eterna—acudiu a mãe das duas danzellas com a expressão da gratidão a transluzir-lhe no rosto.

Decorridas apenas algumas semanas, Alvaro de Lima era visita habitual da casa, e muito da intimidade das fidalgas. Os cuidados e attentões em que elle se esmerava para com as duas irmãs, atrahiram-lhe as suas sympathias, e no dia em que o mancebo fallava, parecia que fallava tambem parte, do prazer que habitualmente reinava n'aquella casa.

O affecto, porém, das duas irmãs para com o mancebo, era differente.

D. Clara via em Alvaro de Lima um moço elegante, cortez, bem parecido, que sem se requerer em alambicadas finezas, proprias de certos allenins da sala, sabia a arte de

se, acrescentando que todos os argumentos que apresentou foram extrahidos dos dados estatísticos.

Mandou para a mesa uma representação de varios estudantes do lyceu de Braga, pedindo que sejam abolidos os exames de madureza: concluiu pedindo ao snr. ministro do reino algumas providencias, que melhem o estado miseravel em que se acha o edificio do lyceu de Braga.

O snr. Fradesso — mandou para a mesa 3 requerimentos, pedindo esclarecimentos.

O snr. Julio do Carvalho — mandou para a mesa diversos requerimentos. Desejava fazer algumas reflexões, mas como a hora estava adiantada, reservava-se para melhor occasião.

ORDEM DO DIA

(1.^a parte)

Entrou em discussão o parecer da comissão de legislação sobre as alterações feitas na camara dos dignos peres ao projecto 41 sobre reforma do jury.

Approvedo sem discussão.
O snr. Monteiro Castello-Branco — apresentou um requerimento, pedindo esclarecimentos ao governo.

(2.^a parte)

Continuação da discussão do orçamento na generalidade.

O snr. B. J. Garcez — continuando o seu discurso, começado na sessão antecedente, disse, que já não sabia o que eram economias, porque era muito variada a definição, que se dava d'ellas; o que sabia, é que o nosso estado era critico, e demandava energia da parte dos poderes publicos, entendendo que convinha caminhar devagar. Primeiro que tudo era preciso que o snr. ministro da fazenda estabelecesse o novo credito, porque sem credito não pôde viver uma nação.

Sentia que o orçamento viesse tão falto de documentos, pelos quaes se podesse avaliar o estado da fazenda publica. Não se podia conformar com a marcha governativa. Não contestava as vantagens dos caminhos de ferro, o que não podia admitir é que para se construir uma obra, embora reproductiva, se levantasse dinheiro por um jurô mais superior, a que podia reduzir o capital empregado n'essa obra: o que havia de acontecer, enquanto se não tratasse de equilibrar a receita com a despeza, que só depois desappareceriam as condições desfavoraveis para fazer as emissões. De resto o deficit era maior, que o indicado pela comissão, em consequencia dos diversos leis já sancionados pelos corpos legislativos.

Para prover de remedio ao nosso estado financeiro eram precisas reduções de despeza de centenaes de contos, e augmento de receita, quanto possível. Entendia, que se podiam fazer muitas reduções. No ministerio dos estrangeiros podiam reduzir as emissões importantes a tres, Londres, Roma e Rio de Janeiro.

No ministerio da justiça podiam supprimir-se as relações dos Açores e alguns bispados. No das obras publicas tambem algumas reduções se podiam fazer. No do reino, enquanto se não podessem fazer economias, podiam melhorar-se os serviços, do que resultariam grandes vantagens. No da marinha escusava-se o apparato da officialidade, que antes havia, com o que se gastava muito,

prestar attentões a uma dama, sem se tornar visivel aos olhos d'ella. E n'isto se cifrava o que ella via no mancebo.

Quanto a D. Leonor, o caso era differente. A conformidade de indole que notava n'ella, a sua agradável presença, aquelle toque melancolico, que lhe fazia sobresahir a nobreza das feições, como as sombras que contribuem para tornar mais expressivas as figuras d'um quadro, uma certa attracção misteriosa, que não tinha explicação, tudo concorria para que ella visse em Alvaro de Lima mais alguma cousa do que o homem agradável dos salões, attencioso, mas frivolo, elegante de corpo, mas aleijado de espirito, no tocante a certo sentimento de poesia triste, com que algumas mulheres muito se prendem.

D'aqui resultava que á medida que crescia a intimidade do mancebo na casa, augmentava a affeição da donzella a Alvaro, e d'gammol-o tambem, a do mancebo a D. Leonor, filha primogenita do fidalgo de Margaride.

A ponto foi ella crescendo, que alim chegou a hora das declarações das revelações, das confissões, das horas passadas de olhos fixos no lume das estrellas, perpassando ante a vista os quadros delictuosos, em que era principal figura a imagem do objecto amado.

—Amo-a, Leonor — dissera o mancebo á donzella — amo-a ha muito em segredo como se julgasse um crime a revelação d'este amor. Hoje, trahi-me, declarei-l'ho, porque a vaidade, talvez, me cegou a ponto de acreditar que não lhe sou indifferente.

—A vaidade, Alvaro? — exclamou a don-

tendo mais que não nos era dado termos navios de guerra, como os que estão hoje fazendo nas outras nações. No ministerio da guerra acontecia outro tanto, e convinha empregar os meios necessarios para organizar o exercito de modo diverso, do que está, e melhorar o seu estado.

O snr. ministro dos estrangeiros — disse que o governo tinha recebido um telegramma de Paris, em que se lhe communicava, que hontem, quando os imperadores de França e da Russia voltavam d'uma revista, a que tinham ido assistir, fôra disparado um tiro d'encontro á carruagem, não havendo felizmente desastre a lamentar, sendo logo preso o individuo, que commettera tal attentado.

O snr. presidente — propoz á camara que queria que se consignasse na acta que tivera muita satisfação com a certeza, de que não tinha havido desastre, que lamentar.

Assim se resolveram.

O snr. Bivar, apresentou alguns pareceres da comissão de fazenda.

Leu-se na mesa um officio do ministerio do reino, acompanhando o decreto pelo qual S. M. houve por bem prorogar as côrtes da nação portugueza até o dia 27 do corrente mez.

Foi approvada a ultima redacção do projecto de lei n.º 41.

O snr. presidente — deu para ordem do dia de amanhã a continuação da que vinha para hoje, e mais os projectos n.º 54 e 58, e levantou a sessão.

Sessão em 8 de junho

Presentes 60 snrs. deputados.

O snr. Ricardo Guimarães — mandou para a mesa um projecto de lei, para que sejam abolidos os direitos de importação do papel de todas as cores para impressões.

O snr. Sá Nogueira — mandou para a mesa uma representação dos accionistas da antiga companhia de aguas, protestando contra a proposta, apresentada pelo governo, que offende os seus direitos.

O snr. Julio do Carvalho — mandou para a mesa differentes pareceres da comissão de guerra.

ORDEM DO DIA

(1.^a parte)

Continuação da discussão do projecto 23 (reducção do quadro da engenharia naval).

O snr. J. M. Lobo de Avila — fez differentes considerações, tendentes a mostrar, que o nosso arsenal apenas se deve considerar para reparações, e para alguma construcção mais ligeira.

(2.^a parte)

O snr. J. P. Lobo de Avila — começou por fazer differentes rectificações nas verbas apresentadas pela comissão, tanto nas relativas á receita, como á despeza. A comissão foi exaggerada enquanto á primeira, deixando de mencionar algumas verbas da segunda. Portanto o deficit ha-de ser muito maior, do que o que vem calculado.

Enquanto ás economias, provenientes das propostas do governo, encontra apenas a cifra de 600 e tantos contos, sendo que parte d'essa quantia não deixa de pesar sobre o orçamento, como por exemplo a proveniente

zella com suave meiguice.— Não diga a vaidade. Eu acredito o seu amor, porque só o verdadeiro amor tem o condão de devassar certos mysterios.

Amo-o, Alvaro, e quando cessar de o amar é porque a mão da morte me gelou o coração para abrigar esse sentimento.

Desde essa hora! Alvaro de Lima julgou-se no cumulo da ventura. Amar e ser amado? Ha mais perfeita imagem do paraizo na terra? Que lhe importava a elle o mundo, se o mundo para elle cifrava-se n'aquelle amor, resumia-se na posse d'aquelle coração?

Como a loucura do amor cega os a quem ella acomete! Alvaro de Lima esquecia que a filha do fidalgo, herdeira d'um nome illustre por dezenas de avós tão nobres como os que mais o eram no reino, nunca seria a esposa do filho do negociante que devia ao trabalho o que era, embora a sua vida fosse tão pura de manchas deshonrosas, como o fidalgo de Margaride julgava alvos os seus pergaminhos.

Esquecia isto e esquecia ainda que era o filho d'um homem que se empenhava no triumpho d'uma causa, que a Lopo Moniz inspirava o mais pronunciado horror.

Lopo Moniz, é tempo que d'elle fallemos, era um homem de quarenta e sete a cincoenta annos. Na sua physionomia havia o traço caracteristico do sobrececho particular ás pessoas costumadas ao mando. Lopo Moniz era despótico. Quando elle dizia — quero — era forçoso que todos se curvassem ao influxo d'aquella voz imperiosa, ou seguia-se-lhe uma

da amortisação do empréstimo de 4 mil contos: se não é para já, é para o futuro.

Não considerava para os seus calculos a economia de 163 contos, promettida pelo snr. ministro da guerra, a quem deseja ouvir explicações a este respeito.

Quanto á despeza, ha-de seguramente augmentar, porque se tem votado já propostas, e ainda de certo se votaram mais, que tenham esse effeito.

De tudo isto resulta que o deficit para o futuro anno economico subirá a 6 mil e tantos contos, e isto depois de se pedirem sacrificios ao paiz. As coisas estão em tal estado, que ninguém pôde acceitar a situação actual. E de absoluta necessidade fazer deducções, começando pelas altas repartições do estado. Não diz que se acabe com o tribunal de contas ou conselho d'estado, mas entende que o serviço pôde alli ser feito com mais economia. Entende que no ministerio da guerra se podem fazer economias importantes. Se não se tratar de reduzir a despeza, não sabe qual será o nosso futuro, porque é preciso ver que o governo emittiu já este anno 27 mil contos de inscripções, que a divida fluctuante foi augmentada em 5 mil e tantos contos, e a consolidada em 3 mil e tantos contos.

Fez outras considerações, concluindo por pedir ao governo, que mude de systema, que o adoptado não resolve a questão, e o paiz indo assim vai cair n'um abysmo.

Mandou para a mesa uma proposta de lei, para o governo ser relevado de ter excedido a auctorisação concedida na carta de lei de 16 de Junho de 1866, e de ter excedido o credito extraordinario que levantou para as despezas do campo de manobras.

O snr. Fontes — começou por agradecer ao illustre deputado o ter apresentado uma proposta, que elle mesmo tinha declarado já, que apresentaria. Não é censuravel o procedimento do snr. deputado, mas dá-lhe direito para poder ser com s. ex.^a alguma coisa mais exigente, do que seia para outro qualquer deputado.

Tendo s. ex.^a fallado contra a marcha do governo, tendo alludido ás economias, que se podiam fazer aqui e alli, podia por bem da causa publica ao snr. deputado, de espirito elevado, e conhecedor do assumpto, dissesse quaes as economias a fazer e aonde.

O governo está resolvido a acceitar todos os compatíveis com o bom serviço publico.

Começando a responder ás reflexões do sr. deputado quanto ao augmento do deficit, cede-se a hora, ficou com a palavra reservada.

O snr. presidente — dando para ordem do dia de segunda feira a continuação da que vinha para hoje, e mais o pertence ao n.º 48 e o projecto n.º 66 e 63, levantou a sessão.

CORRESPONDENCIAS.

Cabeceiras 8 de junho

(Do nosso correspondente).

Não é a vontade de me querer tornar saliente, mas sim o desejo de acudir em defeza da verdade e da innocencia, que me obrigo a ir hoje á imprensa de-

tormenta de que a victima certa era o audaz desobediente. Só para as filhas, caso estranho em taes homens, se lhe quebrava nas mãos a vara de ferro com que trazia subjugados de baixo de si todos os que d'elle dependiam. Se áquelle — quero — fizesse frente uma meiguice das filhas, a ordem revogava-se e o leão tornava-se cordeiro.

O seu sentimento predominante, porém, era politica. Diante d'essa despontavam-se mesmo as caricias das filhas, que não tinham poder para vencer um capricho onde a vibora nefanda soprasse o seu veneno. Então a ira saltava todos os diques com que tentassem represal-a, e não parava senão depois de bem covada, e bem dessedentada.

Se querem uma idéa do seu fanatismo politico, apontaremos um entre os muitos exemplos com que o poderiamos comprovar.

Um dia os filhos d'um caseiro, creanças de oito annos, puzeram-se a cantar no meiodos seus brinquedos, um hymno constitucional.

Lopo Moniz, que passava taciturno e ma humorado, como sempre, por junto d'elles, ouviu-os, chamou-os, chamou um laçojo, e mandou lhes applicar doze chicotadas a cada um — para que não fossem insolentes, dissera elle ao criado, entregando-lhe o instrumento do barbaro castigo.

Por aqui se imaginará o que elle seria, quando maior fosse a insolencia que elle punha nas innocentes creanças.

(Continua)

pôr aquillo de que tenho conhecimento com relação ás injustas accusações, que d'aqui alguém fez publicar no numero 1397 do «Bracarense» contra alguns empregados, cujos caracteres devo estimar pela sua honradez e probidade.

O anonymo correspondente, que d'aqui escreveu para o illustrado jornal o «Bracarense» com data de 30 de abril, disse, e muito bem, a verdade com relação ao *patriotismo* do ex-administrador Custodio Leite, que andava por essa occasião angariando algumas assignaturas, a fim de com ellas dar uma *formal derrota* ao actual governo.

Até esta parte estamos concordos com o illustre correspondente do «Bracarense». Mas estamos discordos com o anonymo, quando diz, que os empregados da fazenda assignaram ou fingiram assignaturas contra o governo. O fim, que tive em vista logo no principio d'estas linhas, era, antes de mais nada, demonstrar o contrario; não o fiz, porém, para mostrar que não sou apologista das convicções politas do sr. Custodio Leite; mas antes abomino-as, detesto-as.

Os empregados de fazenda d'este concelho, não assignaram a celebre representação contra os impostos, não fingiram assignaturas algumas, nem mesmo foram convidados a cooperar para tal fim, posto que lhes assista esse direito, como a outro qualquer cidadão. Ainda que elles usassem d'essa prerogativa, que lhes é prescripta na Carta Constitucional, não deveriam por tal facto ser merecedores da menor censura.

O sr. José Gomes Branlão, e o seu escriptuario Faustino Pereira Camello sabem comprehender perfeitamente a sua posição, e já mais s. s. descerão um grau da sua honra para hostilizar o governo, de quem são empregados fieis. Portanto debaixo da minha palavra de honra assevero ao illustre correspondente do «Bracarense», que é falsa, e calumniosa a sua accusação contra a maior parte dos empregados, a quem aleunha de signatarios da supradita repartição.

Os dignos escriptivos de fazenda, e escriptuario não são conniventes n'esse *grande crime*, de que falla o correspondente do «Bracarense».

Tambem cremos piamente que o sr. Maia, director do correio n'este concelho, não assignou nem promoveu assignaturas para a representação do sr. Custodio Leite. Parece-me que no correspondente do «Bracarense» houve um não pequeno equivooco, dando como certos alguns factos, que nunca tiveram a menor razão de ser: por isso s. s. deve restituir áquelles rectos empregados o credito, que lhes usurpou nas suas inexactas informações.

Não é com falsas accusações, que se tenta contra a honra de empregados honestos, não é com a publicação de apellidos burlescos, que se pede a demissão d'um empregado probo e intelligente. Mostremos sempre com a seriedade e importancia nos nossos escriptos, se quizermos que elles mereçam algum credito para quem os lê.

NECROLOGIO.

Mais um nome se riscou do livro dos vivos; mais uma vida, a cruel parca ceifou.

Mãe carinhosa e senhora virtuosa, saiu do mundo das illusões, para gozar o lugar, reservado, para os escolhidos.

Abriu-se a campa para receber o corpo inerte da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Isabel Jacome d'Abreu e Lima Pimenta Corrêa Feijó, que no dia 3 do corrente ás 10 horas da manhã foi chamada a comparecer no tribunal divino.

Esta senhora era filha do tenente coronel Antonio Augusto Borges Pereira e de D. Josefa Clara Borges de Barbosa

Araujo Coelho, da illustre casa da Torre, da freguezia de Correlhá.

A ex.^{ma} sr.^a D. Maria Isabel casou a 7 de Janeiro de 1827 com o ex.^{mo} dr. Francisco Jacome de Sousa Pereira e Vasconcellos da nobre e antiga casa do Avellar da cidade de Braga, cavalleiro de varias ordens militares, e que serviu diferentes cargos na magistratura antiga; ficou viuva aos 22 d'Abril de 1860 e n'este estado se conservou até que victima de uma longa enfermidade que soffreu com toda a resignação baixou ao tumulo, recebendo antes d'isso os sacramentos que recebeu com a maior devoção, deixando tres filhas e dois filhos inconsolaveis por semelhante perda, e nós que do coração e ligados ainda pelos laços de parentesco com esta familia, conheciamos de perto esta virtuosa senhora, e acompanhamos esta familia em sua tão justa dor.

O irmão mais velho d'esta desditosa familia e nosso particular amigo o ex.^{mo} Francisco Jacome de Sousa Pereira e Vasconcellos, hoje senhor da nobre casa do Avellar, esperamos que tenha a resignação precisa para administrar a casa e proteger sua familia, como o fez a santa, que baixou ao tumulo, até o seu ultimo momento.

Sirvam estas linhas para sua familia ver que tambem deixou na terra verdadeiros amigos que a acompanham na acerba dor que os punge.

Junho 9 de 1867.

João de Sá Continho.

NOTICIARIO.

Festa do Espirito Santo.— Fez-se esta festa em Braga com todo o esplendor e magnificencia propria d'um tão religioso e augusto acto.

Foram milhares os romeiros que concorreram ao real Santuario do Bom Jesus do Monte, reinando entre estes completo socego. As vozerias que se ouviam n'este concorrido arraial eram os descantos dos povos, era a alegria e satisfação que se presenciava no semblante de todos.

O serviço da policia foi feito com todas as prevenções, merecendo por este motivo sinceros encomios o sr. governador civil, visconde de Pindella, pelos meios energicos e activos que empregou para que a ordem publica não fosse alterada.

Socego publico.— Ha completo socego em todo o districto.

A sahida d'uma força de infantaria 8 d'esta cidade, que teve logar ante-hontem, teve por causa uma diligencia administrativa, e não a repressã de desordens, que não existem.

Chrisma.— Foi grande o numero de pessoas que domingo foi á Sé receber o santo Sacramento da confirmação, acabando esta cerimonia christã depois das 2 e meia horas da tarde.

Theatro.— Recommendamos ao publico o concerto musical que hoje tem logar no theatro de S. Geraldo, segundo o annuncio que vaé inserido no logar competente.

O credito que gozam os beneficiados, e o seu merecimento artistico, é o bastante para elles merecerem as considerações dos habitantes d'esta terra.

Cereaes.— O preço dos cereaes na praça do mercado na cidade de Guimarães no dia 8 de junho, foi o seguinte:

Trigo, alqueire, 1\$200 réis — Centeio 530 — Milho alvo 560 — Milho branco 610 — Milho amarelo 590 — Farinha 640 — Painço 580 — Feijão vermelho 800 — Feijão branco 900 — Feijão amarelo 800 — Rajado 700 — Fradinho 480 — Batatas 400 — Cevada 800 — Azeite almude 4\$900 — Vinho 1\$000.

O Imperador da Russia.— O im-

perador da Russia está sendo em Paris motivo de todas as atenções, de todos os cuidados, finalmente é o homem de Paris!... Pois isto é muito e é nada... quando se é imperador de todas as Russias.

Além de duas noticias que ahi vão no noticiario, lê-se mais no jornal francez «La Presse» o seguinte, acerca do czar:

Annunciou-se que o imperador da Russia e o imperador Napoleão passariam em revista, no dia 8 de junho, em Cherburgo, as duas esquadras franceza e russa.

Essa noticia é hoje confirmada.

—O imperador Alexandre foi hontem de manhã, ás onze horas, ouvir missa á igreja russa da rua de la Croix.

A igreja estava cheia e as senhoras em grande «toilette».

—O imperador da Russia e os grand-duques vão hoje jantar á embaixada russa com as pessoas de sua comitiva e os officiaes do imperador que estão ás suas ordens. O jantar é só de trinta e cinco pessoas.

—Hontem de manhã, ás dez horas, o prefeito de Sena e o conselho municipal foram em carruagens de cerimonia, escortados pela guarda a cavallo de Paris, ao palacio Elyseu-Napoleão, visitar S. M. o imperador da Russia e os principes seus filhos, e convidal-os para a grande festa que terá logar na proxima quinta feira no Hotel-de-Ville.

O jornal d'onde traduzimos as precedentes noticias é do dia 4. Não estamos em Paris, mas iremos tambem seguindo S. M. o imperador da Russia. Veremos amanhã que noticias temos.

(J. do Norte).

Situações criticas.— Ainda hoje (diz o Districto de Aveiro) accrescentamos algumas situações da vida bem embaraçosas! Por exemplo:

A de um namorado que n'uma noite de rigoroso inverno espera na rua a hora aprazada para o *rendez-vous*!

A de um caçador afamado pela sua ponteria certa, que erra um tiro diante de alguns «pichotes».

A de um *dandy* quando lhe faltam luvas para ir a um baile.

A de um criado de servir quando perde ou quebra qualquer cousa.

A de um individuo que tendo pedido um objecto emprestado, elle lhe desaparece.

A de uma dama que rasga o vestido n'uma *soirée*.

A de um compositor quando ao compagnar o jornal lhe quebra a composição.

A do estudante quando é chamado á lição em dia que elle não contava com ella.

A da beata quando não tem peccados alheios que accusar.

A do actor no dia que passa o seu beneficio.

A de um governo que perde uma votação importante.

A do soldado em dia de revista.

A de um mancebo que ama uma menina a quem nunca fez declaração alguma d'amor.

A do advogado que defende uma má causa.

A dos inquilinos pelo S. Miguel.

A do capitão do navio que perdeu o rumo.

A do regedor em dia de eleição. É a de todos os empregados que interveem n'essas luctas dos... papelinhos.

A de um negociante fallido.

A de um passageiro que viaja em caminho de ferro sem bilhete.

A de um viajante que fica a traz do comboy em qualquer estação.

A do cocheiro quando os cavallos toam o freio nos dentes.

E finalmente a de uma mulher que morrendo por casar não encontra marido!

Envenenamento dos porcos.— Participa um veterinario de Gers (sul da França) a um jornal agricola francez, que alguns porcos foram envenenados comendo abobora podre, facto que não é desconhecido aos criados do Poitou, segundo observa o sr. Stainon no «Agrónome».

Sendo muito empregada a abobora na alimentação dos orepes, em Portugal, fazen-to-se a cultura em grande da indicada planta para tal fim— chamamos a atenção de nossos leitores para a noticia que damos acima. A abobora podre tem propriedades venenosas.

Assassinato.— Lê-se n'uma correspondencia da Figueira publicada pelo «Diario Popular»:

«Um horroroso assassinato se praticou no dia 30, perto d'esta villa e entre Pedrogão e Leiroza; o caso é assim contado. Pelas 4 horas da tarde vinham uns poucos de pescadores de pescar em Cascaes e sitios proximos, e vinham para as suas terras que são Ithavo e outras. A maior parte da gente que podia caminhar mais depressa adiantaram-se ficando atraz tres que vinham mais fatigados. Eram pae, e filho, e outro; ao ao passarem pelo lugar indicado saíram-lhe tres homens armados e disseram ao que vinha mais adiante «faça alto e poíha para ahi o que leva» e como o pobre homem gritasse desfecharam logo com elle um tiro á queima roupa, e o desgraçado caiu logo morto no chão. O filho, vendo cair o pae morto, fugiu e metteuse ao mar, para escapar áquelles malvados, mas como a agua o atrapalhasse caiu, e um dos malfiteiros deitou-lhe a mão arrastou-o para fóra, e disse-lhe: «ponha aqui o que leva». O rapaz, suffocado em lagrimas, caiu de joelhos aos pés do malvado e disse-lhe que não tinha nada consigo porque seu pae levava 7\$000 réis seus e d'elle.

Que desgraça malar-se um homem por 7\$000 réis! Ainda não contentes com isto espancaram muito o rapaz e deram-lhe algumas facadas. O terceiro tambem estava cahido com muita pancada que lhe deram e tambem o feriram.

Os malfiteiros depois retiraram-se levando o cadaver de rastos e depois enterraram-no na areia.

Os dois feridos andaram depois como poderam e foram dar parte a uma povoação visinha e ficaram a curar-se das feridas e contusões. O cadaver foi desenterrado e sepultado em sagrado. Os feridos acham-se n'esta villa a curar se.

As auctoridades perseguem os malvados de tão nefando crime, mas bom seria ter em consideração que estes attentados foram feitos longe de povoação muito perto de uma casa fiscal onde estão guardas da alfandega. Talvez elles ouvissem gritos ou vissem alguém. As auctoridades compete averiguar e ter em consideração que já ha tres annos, alli, no mesmo sitio, houve outro assassinato.

Sacrilegio.— Lê-se no *Campeão do Alemtejo*, de Portalegre:

«Custa-nos a acreditar uma espantosa noticia, que nos dão de Castello de Vide, apesar de nos ser transmittida por pessoa fidedigna; parece incrível que n'uma villa que tantas mostras tem dado de querer caminhar na vanguarda da civilização, se pratiquem attentados de tal ordem; e todavia affirmam-nos ser verdade.

A paz do tumulo, o repouso das cinzas, que os povos mais barbaros respeitavam como venerandas reliquias, foi perturbada, ou antes tem-n'o sido, sem temor, sem repugnancia!...

Foi ha dias aberta a sepultura de uma recém-morta e roubada a mortalha, cujo producto induziu os culpados a revolver a terra e despir o cadaver!...

De que não serão capazes abutres d'esta especie, santo Deus!

Chamamos a atenção das authoridades d'aquella villa para que não fique impune um crime tão inaudito.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES.

Manoel de Freitas Costa, tendo de se retirar para o Porto, e não podendo em virtude do seu estado de saúde agradecer pessoalmente, como desejava a todas as senhoras que se dignaram mandar procural-o, bem como a todos os cavalheiros que lhe fizeram o obsequio de o visitar, aproveita este meio para lhes testemunhar o seu agradecimento.

José da Luz e Almeida e sua mulher D. Marianna d'Apresentação em extremo penhorados para com todos os illm.^{os} e exm.^{os} snrs. e snr.^{as} que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu presado pae e sogro Manoel José de Almeida, e igualmente para com os que se dignaram honrar com a sua presença o acompanhamento e responso de sepultura na igreja de S. Vicente no dia 1.^o do corrente agradecem por este meio tão distincto obsequio e lhes protestam um eterno reconhecimento, pedindo desculpa de o não fazerem pessoalmente. (107)

D. Maria Luiza de Sousa Lobo, e suas filhas, summamente penhoradas pelas provas d'amizade que acabam de receber de todas as pessoas que lhe fizeram o obsequio de os cumprimentarem por occasião do fallecimento de sua sempre com saudade chorada filha e irmã D. Luiza da Silva Lobo, e assistiram ao seu funeral no cemiterio do Hospital de S. Marcos, na noute de 3 do corrente, e não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos, vem por este modo dirigir a expressão do seu reconhecimento a todos os cavalheiros e pessoas que tanto os obsequiaram, protestando a todos guardar no coração o seu eterno reconhecimento.

D. Maria Henriqueta de Sousa Quevedo Pizarro e seus filhos, summamente penhorados para com todas as pessoas que lhes fizeram a honra de os cumprimentar por occasião do fallecimento de seu muito presado marido e pae, vem por este meio agradecer-lhes, protestando-lhes o seu eterno reconhecimento, e pedir-lhes ao mesmo tempo desculpa de o não fazer pessoalmente. (106)

Ao partir d'esta cidade para a de Macau, ser me-hia moralmente impossível deixar de significar publicamente aos braçarenses a minha gratidão e reconhecimento á benevolencia e affecto, com que tanto me honraram.

De todos devia eu despedir-me, e a todos devia abraçar, porque de todos recebi provas de estima; mas isso não o posso fazer por falta de tempo, e principalmente tendo eu de partir mais breve, do que esperava.

Aqui digo, pois, o meu—adens—a todos os amigos, e com especialidade aos meus collegas no sacerdocio, e no magisterio, e não deixarei esquecida a briosa classe escolastica das aulas superiores do seminario archiepiscopal, agradecendo-lhes a delicadeza e attenção, com que sempre me trataram.

Levo de todos as mais vivas impressões, e intimas saudades, e a todos offereço com a maior sinceridade, o meu franco prestimo em Macau, ou em outra qualquer parte, onde me encontre.

Braga 2 de junho de 1867.

O conego, Antonio Luiz de Carvalho.

Quem quizer comprar duas moradas de casas—uma sita no largo da Sé n.^o 11, e outra na rua de Maximino n.^o 2, dirija-se á rua Nova de Sousa a José Joaquim Teixeira, que é o possuidor das mesmas.

ATTENÇÃO

Pela delegação do conselho de saúde n'este districto se annuncia, que o novo regimento dos preços dos medicamentos de que devem fornecer-se os pharmaceuticos, se acha á venda na mesma delegação.

José Fernandes Dias, na rua dos Chãos de baixo, tem para vender enxofre moído de superior qualidade que vende por preços commodos. (105)

LIRA INTIMA

Com este titulo publicou-se o anno passado no Porto um folheto de poesias, cujo auctor é o snr. J. D. d'Oliveira.

Duzentos rs. é quanto custa o folheto, e não é caro, porque o papel é magnifico e está impresso com a maior nitidez.

E' na loja do snr. Germano Joaquim Barreto que se encontra á venda aquella interessante publicação, de que é editor o snr. A. R. de Sousa e Silva.

NOVO MANUAL

DE

CIVILIDADE

OU

Regras necessarias para qualquer pessoa poder frequentar a boa sociedade. 1 volume ornado de estampas, preço 500 rs.

Sahiu á luz esta interessante obra, e acha se á venda na livraria de J. J. Bordalo, rua Augusta n.^o 24 e 26. E' remittido para a provincia a quem enviar 560 rs. em estampilhas do correio á loja a cima.

Tambem se acha á venda no Porto, loja de Navaes Junior rua do Almada n.^o 124.

O JORNAL DAS DAMAS

Publicou-se o n.^o 5 do «Jornal das Damas», bellamente estampado em bom papel, formato regular, com duas columnas de impressão, contendo uma detalhada descripção da ultima moda de Paris, romances, poesias, chronica theatral, variedades, anedoctas, etc.

Alternadamente publicará debuchos para bordar e marcar, variedade de musicas para piano, vistas de diferentes monumentos, costumes de Portugal e retratos de pessoas notaveis, sem contudo alterar o preço da subscripção que será para Lisboa, por onze mezes, 1\$500 rs.; para as provincias (porte franco) por nove mezes, 1\$600 reis.

As assignaturas são pagas adiantadas e recebem-se desde já, e unicamente, na loja do editor J. J. Bordalo, rua Augusta n.^o 24 e 26, o qual se responsabilizará pela sua importancia. Tambem se recebem assignaturas em Coimbra em casa de José de Mesquita, no Porto na de Navaes Junior, rua do Almada n.^o 124, e em Braga no escriptorio do jornal o «Districto», rua do Coelho n.^o 11.

Toda a correspondencia póde ser dirigida, franca de porte, ao editor do «Jornal das Damas», e á loja acima indicada. As assignaturas da provincia podem ser feitas por meio de vales do seguro do correio, ou em estampilhas com a mesma direcção.

LIVROS DE MISSA

Ha um variado sortimento de livros de missa de capas de madre-perolla a 9\$000, 10\$ e 12\$000. Ditos de capas de tartaruga a 8\$000, 9\$000, 11\$500 e 13\$300. Ditos de capas de marfim a 7\$200, 9\$000 e 10\$000. Tambem ha livros pequenos para creanças.

Manual do christão devoto

Contem este interessante livro, missa, ora-

ções para a confissão e communhão, visitas ao Santissimo Sacramento, ladainha, officio de Nossa Senhora, novena das almas, todos os officios da semana santa, e outras muitas orações e canticos, ornado de estampas; preços: de capa de carneira 600, de capa de marroquim dourado 800, dito com fechos de metal 1\$100, dito com fechos e cantos 1\$400 dito com fechos, cantos, e imagem do Senhor dos Passos, ou Crucifixo 1\$600, dito com capa de chagrin e fecho 1\$500, dito com fechos e cantos 1\$800, dito com capa de veludo, fechos e cantos, ou sómente com viroll-2\$000, dito com imagem do Senhor dos Passos ou Crucifixo 2\$800 e 3\$000, dito com imagem e fitas com medalhas 3\$200.

Thesouro litterario

OU

Collecção de 7 romances e 7 poesias originas e traducções dos melhores litteratos modernos, offerecidos aos frequentadores dos caminhos de ferro

POR

J. J. Pontes

Preço (1 volume)..... 300 rs.

Remette-se para as provincias, franco de porte, a quem enviar esta quantia em estampilhas do correio á loja de Bordalo, rua Augusta n.^o 24 e 26.

OBRAS MODERNAS

que são remettidas para as provincias francas de porte, a quem enviar o seu importe á referida loja:

O Secretario dos Jovens, ou nova collecção de modelos de cartas d'amores para ambos os sexos..... 120

Nova collecção de poesias ternas e amorosas para servirem nas cartas d'amores.. 120

Nova collecção de anedoctas, bernardices, maximas e pensamentos..... 120

Nova collecção de charadas, enygmata e adivinhações..... 80

Tratado do jogo do voltarete, ou resumo das leis do mesmo jogo..... 60

Tratado de orthographia da lingua portugueza, pelo professor J. J. B.

Compendio instructivo de doutrina christã, contendo toda a doutrina e ajudar á missa

Ramalhete da mocidade christã, contendo o nomes de Deus e a religião..... 46

O Premio da virtude ou o Terremoto em Lisboa..... 120

Tributo saudoso á memoria do Snr. D. Pedro V..... 160

Furto abençoado, comedia em 1 acto por Biester.....120

N.B. Dá-se um catálogo gratis de todas as obras que se vendem n'esta loja, a quem comprar qualquer d'estes livros.

O COSINHEIRO COMPLETO

Um nova arte de cosinheiro, copeiro, confeiteiro, e licorista, precedido do methodo para trinchar e servir bem á mesa, contendo as mais modernas e esquisitas receitas para se prepararem diferentes, sopas e vareadissimos manjares, e o modo de fazer massas, doces, e compotas. (7.^a edição 1867) ornado de estampas 1 vol. Preço 600 reis na livraria de J. J. Bordalo, rua Augusta n.^o 24 e 26 (Lisboa).

He remettida para fóra de Lisboa, a quem enviar 680 rs. em sellos do correio ou n'um valle, á loja acima.

ARCHIVO JURIDICO

PERIODICO MENSAL

DE

Noticias juridicas e legislação de mais interesse tanto antiga como moderna
Editor—José Lourenço de Souza

Publicaram-se os numeros 80 e 81, que além dos artigos do costume e outra legislação importante, contém mas a

GUIA DO CONTRIBUINTE

ou formulario para as reclamações; esclarecimentos sobre a reunião dos gremios, etc., etc.; tudo coordenado em conformidade com as instruções para a lançamento das contribuições predial, industrial e pessoal, publicadas nos numeros 6, 7, 8, 9, 13 e outros do «Archivo».

Preços do archivo juridico

Assignatura para o Porto, por um anno ou doze numeros 1\$000

Assignatura para as provincias, idem idem (franco) 1\$500

Avulso para o Porto \$120
Avulso para as provincias (franco) \$150
Collecção dos 8 volumes já publicados, para o Porto em brochura 98200

Idem idem encadernados 11\$120

Para as provincias e ilhas «franca de porte» em brochura 11\$000

«franca e segura» encadernada, 13\$000

N. B. Tendo mais de tres annos de publicação, custa cada n.^o avulso para o Porto 200 reis, e para as provincias 240, estando já n'este caso os numeros 1 a 35 inclusiv.

COLLECÇÃO COMPLETA

DA

LEGISLAÇÃO HYPOTHECARIA

Desde 1774, inclusive o indice alfabético da lei de 1 julho de 1863, seu regulamento e leis posteriores até hoje.

Seguida dos estatutos da companhia geral de credito predial portuguez, das concessões e modelos de procuração e propostas para os emprestimos hypothecarios, das taboas de amortisação ao juro de 5, 5½ e 6 por % de 10 a 60 annos, da tabella que regula o modo pratico para a execução e serviço do registro predial e do decreto de 13 de julho de 1862, que regula o estabelecimento de bancos ou sociedades anonymas, etc., etc.

2.^a edição

Com um appendice que contém a portaria de 16 de abril de 1867, que resolve 48 duvidas, suscitadas por alguns conservadores.

Vende-se no escriptorio do «Archivo Juridico», Porto, rua do Bomjardim n.^o 69.

GABRIEL E LUSBEL

Ou o Thaumaturgo Santo Antonio, drama por Braz Martins.

He remittido para a provincia a quem enviar 260 rs. em estampilhas do correio, á loja de J. J. Bordalo, rua Augusta n.^o 24 e 26.

THEATRO

DE

S. GERALDO

Quarta feira 12 de junho de 1867.

Concerto

DOS ARTISTAS PORTUENSES

Germano Ed.^o Lopes e Cyriaco de Cardoso

No qual tomam parte por especial obsequio a banda de infantaria 8 e a orchestra do theatro.

1.^a Parte

1.^o Symphonia pela orchestra

2.^o Nocturno e Farantelle—para piano—Rosellen—Germano Lopes

3.^o Phantasia—para violino—Vieuxtemps—Cyriaco de Cardoso

4.^o Ella—Walsa original—Cyriaco—banda de infantaria 8.

2.^a Parte

5.^o Symphonia pela orchestra

6.^o Phantasia—para violino—Beriot—Cyriaco de Cardoso

7.^o Variações brillantes—Somnambula—com acompanhamento de orchestra—Rosellen—Germano Lopes

8.^o Capricho—para violino composto e executado por—Cyriaco

9.^o Candida—Walsa original—Cyriaco—banda de infantaria 8.

Principiará ás 8 e tres quartos.

BRAGA:—TYP. UNIÃO LARGO DE ST. AGOSTINHO N.^o 1